

Para sempre dezembro

Dezembro entrara de mansinho pelas casas e deixara um rasto de frio e um anseio por aconchego.

As luzes, naquele dia, acendiam-se a pouco e pouco, feéricas e irreais, por todas as ruas da aldeia e conduziam os viajantes até à parte de cima do lugar, onde a ermida se recortava branca e imaculada no céu plúmbeo e espesso. O Inverno já chegara ali.

Ouviam-se os balidos das ovelhas, apertadas nos currais, à espera da mão que as alimentaria e de todos os outros animais recolhidos sentiam-se os cheiros, que misturados, exalavam simultaneamente calor e vertigem.

As casas acendiam-se de luzes e memórias de outros natais. Das chaminés saíam colunas de fumo espiraladas que se dissipavam no céu. Em todas se ouviam vozes, risos. Habitadas de presença e de gestos. Lá fora crescia o silêncio da noite.

Eu acendera também a lareira, mil gestos repetidos do quotidiano secular. Também eu fazia os preparativos. Fechara os animais. Trancara as portadas. Dispusera lenha para a noite. Para dentro trouxera também a ninhada de cachorros que a cadela mais jovem acabara de parir. Pareciam novelos pretos dentro do cesto de verga, aconchegados ao corpo materno. Colocara-o na sala. Junto à poltrona de couro gasta pelo tempo, embaladora de histórias. Nas arestas das paredes solitárias da casa, as memórias desfolhavam-se também, uma a uma, como as folhas do magnífico jinco no jardim. Em todas as restantes árvores, quase despidas das folhas multicores que atapetavam agora todo o pátio abandonado, havia já desolação e espera.

Subitamente, uma revoada de vento mais forte levantou parte do telhado e rebentou com o meu baloiço que penduraras na oliveira maior. Subi ao sótão e compus de esperança as telhas sob um céu espesso, de zinco frio onde, ao longe, se ouviam pássaros aflitos na tempestade. Fui ao celeiro apaziguar as ovelhas e, de volta a casa, pus a chaleira ao lume.

Percorri com o olhar a mesa de pinho escuro na qual se amontoavam pétalas das últimas rosas de um estio tardio. O pão ainda quente repousava também sobre a mesma mesa. A lareira crepitava e a água já fervia forte na chaleira azul. Na cozinha, alinhavam-se, na prateleira, as compotas de abóbora com nozes e de figos e espalhava-se, impregnando o ar, o cheiro a canela e a maçã da tarte ainda morna no fogão de lenha.

O Outono esgueirara-se por entre os dias. Agora, o Inverno tinha tomado conta de tudo: arrasou canteiros, depenara todas as árvores e torcera o cata-vento.

Senti a luz fraquejar. O vento uivou, primeiro suave, como um sopro que se levanta da terra, depois foi crescendo, ganhando espaço aos silêncios do mundo, fustigou árvores e dilacerou todo o roseiral. A cancela começou a bater descompassadamente solta. E o cata vento parecia perseguido por mil demónios. A portada grande da sala soltou-se. Abriu os vidros, devorando as folhas que se amontoavam na secretária, acabadas de escrevinhar. Folhas de pensamentos, de poemas de amor, de palavras antigas e repletas de segredos e de memórias. Tombou a moldura. O vidro estilhaçou. O teu retrato ficou nu e inerme, por segundos, arrebatado pela natureza. Corri a trancar tudo novamente. Indefesa e assustada. Um poço no lugar do coração.

Olhei as estantes de livros, repletas de personagens, de aventura, de mistérios, de segredos. Imaginei-me a ler- te um conto. Aquele conto que tu tanto apreciavas que te lesse nas longas noites em que faltava a luz e eu junto à lareira, repetia, incansável e melodiosa, a história da princesa do Oriente. Eu povoava-te o coração de personagens e histórias de amor, tu incendiavas-me sedutoramente a imaginação com formas e paletas de cores de todas as paisagens visitadas e de todas as viagens.

Evoquei no espaço da memória o meu trabalho do campo, na tua ausência para que não morresse o teu sonho: semeiei, mondei, reguei, colhi Em casa pintei as paredes brancas, fiz cortinas de linho antigo e pintei um quadro: lua, sangue, sol, música. Decidi tricotar uma manta de rosas em malha. Cada uma que cosia, olhava pela janela e acreditava que ficarias mais perto. Um dia taparia os serões mais frescos...

Na sala vi, a repousar, os novelos de lã macia na cesta de vime. Serviam para tricotar sapatinhos para oferecer; na outra cesta dormitavam os cachorros. Tudo o mais era silêncio, no crepitar do lume, na respiração fria e funda da noite. Coloquei a manta no chão. Temi mais uma vez que não voltasses. Estreitou-se o medo na garganta e ampliou-se o poço no peito.

No cais do velho porto imaginei as gaiivotas. Perseguiam os pombos na praça e picavam nas suas cabeças. Caiu parte do campanário. As velhas da aldeia costumam tecer agouros nestas ocasiões, lembrando que os homens do mundo não regressarão a suas casas, a suas esposas.

A chaleira azul já ferveu três vezes e a manta de retalhos que estendi já nada me aquece contra o frio da angustiada solidão. A cancela bateu desalmadamente. O meu coração acelerou também, pássaro preso num porão de um barco abandonado.

Sonhei-te comigo. Nessa noite, mais forte do que nas outras. Sonho de todas as famílias, desejo de todas as mulheres sós. Noite de natal, noite de esperança. Noite de regressos.

Deitei-me na escuridão do quarto. Perscrutei sombras, pressenti ruídos exteriores. Julgo que rezei, abençoada pela noite de consoada e pela dádiva da vida divina e ancestral que de forma solene e simbólica cobria todo o lugar. Adormeci nesses pensamentos e, quando acordei, senti-te no carreiro de lilases, nas lajes do terraço, na brisa das roseiras, no cheiro que se desprende do alecrim à tua passagem. Entraste no telheiro, sacudiste as botas, pousaste o saco na cozinha e, por fim, desenhaste sombras mágicas nas paredes brancas.

Comeste da tarte de maçã e pousaste o alecrim que me costumavas dar no bule antigo de porcelana. Do quarto adivinhava-te os gestos, as feições. Na sala acarinhaste os cães e compuseste a lareira. Trazias contigo a alegria de uma alvorada e o coração cheio de sós para me aqueceres finalmente de todas as noites frias e sombrias. Quando entraste no quarto já a tua presença estava há muito em mim. O teu olhar já navegava no meu e já percorrera a minha pele. Sim, chegaras finalmente.

Os meus cabelos espalhavam – se pela almofada em pequenos montes que se agrupavam aqui e além, provocando manchas castanhas-douradas nas almofadas de linho. Tudo em mim estremecia só de sentir a tua respiração pausada. Ali, ao meu lado. O meu corpo coberto apenas por uma fina camisola transparente, deixava adivinhar todos os contornos. Sentia-me trespassada de sensações espiraladas num crescente de desejo que se espraiava devagar por toda a minha pele até às pontas dos meus dedos, tendo sempre, como motor acelerado, a pulsação do meu coração. Depositaste com toda a leveza um beijo na minha testa.

O meu rosto abriu-se num sorriso de luz, de estrelas cadentes, de cambiantes de mil cores. Os meus olhos brilharam de uma forma que te deixaram quase embriagado na vontade de neles te perderes. Descalça, com os cabelos desalinhados e na penumbra, enlacei-me em ti. Demorei-me lentamente no encontro dos dois corpos, saboreando cada instante. As minhas mãos delicadas, mas firmes, insistiram no chamamento, na ansiedade de que sobre mim te deitasses. Pressentiste a minha urgência terna, mas também a tua sede pela sintonia dos movimentos que se encaixavam a espaços largos na mesma rota de destino.

No meu colo pousaste uma rosa e uma estrela

Em nome do Amor.